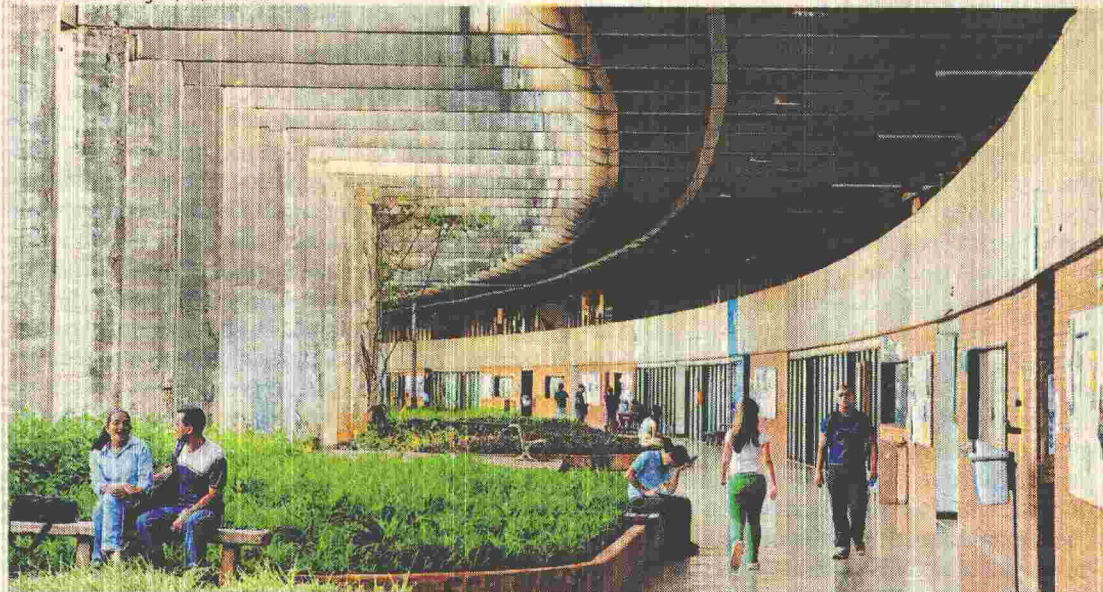


“TODOS NÓS, BRASILIANOS, QUE POR DIAS, POR MESES, OU POR ANOS, TIVEMOS A OCASIÃO DE PARTICIPAR DA VENTURA DE PROJETAR E DAR VIDA À UNB, CONSIDERAMOS QUE AQUELA FOI A FASE MAIS BELA, GENEROSA E CRIATIVA DAS NOSSAS VIDAS INTELECTUAIS”

DARCY RIBEIRO

Fotos: Edilson Rodrigues/CB/D.A Press



Alunos passeiam e descansam no Minhocão: universidade criada por Darcy passa por um momento de renovação, vivendo uma espécie de reinauguração



O professor Antônio Teixeira (centro) com os alunos de medicina Maria Carolina e Alessandro de Souza: investimento em pesquisa

O SONHO CONCRETO DE DARCY

A UnB

NASCIDA COM A CIDADE, A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA CRESCEU COM UM MODELO DIFERENTE DE ENSINO SUPERIOR E VIROU UMA DAS MAIS BEM CONCEITUADAS INSTITUIÇÕES DO PAÍS

SAMANTA SALLUM

O primeiro ato oficial do presidente Juscelino Kubitschek na nova capital foi assinar o projeto de lei de criação da Universidade de Brasília, a UnB. Ouviu a sugestão de um colaborador, cantada ao seu ouvido, de que a única referência escrita no túmulo do presidente americano Thomas Jefferson era: “Fundador da Universidade de Virgínia”. Deixar para a sua sociedade um legado como uma instituição de ensino irradiadora de conhecimento é algo para os grandes homens da história.

Sugestionado ou não pela conversa, o fato é que JK criou no momento da inauguração da nova capital a universidade que a ajudaria crescer, que a alimentaria de ideias, que seria o berço para futura geração de intelectuais.

O próprio JK contou em livro que escolhera Anísio Teixeira — um dos maiores educadores do Brasil — para idealizar a Universidade de Brasília. As qualidades de Teixeira, intelectual com a visão do papel que competia à juventude desempenhar em face aos desafios do mundo moderno. Era preciso assegurar dois objetivos prioritários da universidade: renovação de métodos e concepção de um ensino voltado para o futuro. Foram convidados cerca de 100 conselheiros para estruturar a universidade. A UnB, então, foi uma obra coletiva.

“A Universidade de Brasília é a única no mundo que nasceu junto com a sua cidade. E cresceu na mesma velocidade que ela. Já nasceu grande e se multiplicou ainda mais nesses 50 anos, resultado da genialidade de Darcy Ribeiro”, destaca o senador Cristovam Buarque, que foi reitor da UnB. A vida acadêmica o impulsionou para a política, o que o levou ao mandato de governador do Distrito Federal entre 1994 a 1998. Uma mostra de quanto a UnB está presente também na história política da

capital. Cristovam, na época, montou um governo com muitos acadêmicos.

PERSEGUINDO A UTOPIA

Nessa obra coletiva, Darcy Ribeiro foi fundamental. Trabalhava com Anísio Teixeira e entusiasmou-se logo com a ideia. O projeto de lei não foi aprovado pelo Congresso no mandato de JK. Darcy continuou a perseguir o sonho, atuando no convencimento de políticos. E no governo João Goulart foi assinada em 1961 a criação da UnB.

Darcy Ribeiro foi o primeiro reitor. Anísio Teixeira, convidado para ser o reitor, mas preso a atividades no Rio de Janeiro, fez a reverência ao amigo e num gesto de prestígio ao colega aceitou ser vice-reitor. Darcy ficou na função por poucos meses, logo sendo convidado pelo presidente João Goulart a assumir o cargo de ministro da Educação.

A UnB só começou a funcionar em 1962, de forma improvisada, precária. Anísio Teixeira como reitor conseguiu salas emprestadas do Ministério da Educação. Em 1964, no entanto, o projeto inovador da UnB sofreu também com o golpe militar. Sufocados com a perseguição política, 223 professores, que representavam quase 95% do quadro docente, se demitiram em 1965. Protesto contra as intervenções do regime na vida acadêmica que esvaziava a universidade.

CONHECIMENTO ESPALHADO

Passado o tempo de asfixia, a UnB se reconstruiu academicamente, e hoje está mais plena do que nunca. Transbordando por todo o Distrito Federal seu conhecimento. Está chegando em outras cidades fora do Plano Piloto, como Ceilândia, Gama e Planaltina.

A UnB faz a história de Brasília e do Brasil. É um celeiro de pensadores, pesquisadores, profissionais e agentes sociais que preenchem os mais importantes quadros do país. A UnB está no Executi-

vo, no Legislativo, no Judiciário, nos laboratórios e nas ruas. Este semestre, a campanha de recepção dos calouros teve como tema “Sou cidadão. Sou UnB, construindo os próximos 50 anos”. Mensagem que expressa a responsabilidade, a esperança e aposta na geração do futuro para concretizar os ideais da marcha desenvolvimentista de 50 anos atrás, mas com novos traçados que se construa a Brasília capital da cidadania.

Para pensar e marcar os 50 anos de Brasília, a UnB criou uma comissão especial. Está fazendo um minucioso levantamento sobre tudo que produziu sobre a cidade, pesquisas, teses, livros. “Estamos num momento de grande renovação. Um clima de reinauguração. Podemos refundar a UnB. Recebemos mais de 300 professores novos. É uma nova UnB dentro da UnB, do tamanho que era quando foi criada. Estamos expandindo o câmpus, levando a universidade para outras cidades. E sempre estamos permanentemente pensando a cidade e o país, sem parar, em todos os cantos da instituição”, celebra o atual reitor, José Geraldo de Sousa.

A alma da UnB está nas salas de aula e nos laboratórios de pesquisa, mais fortemente, quando professor e aluno se confundem, unificando-se no mesmo núcleo cujo objetivo é avançar em busca de mais conhecimento com as pesquisas. Na Fa-

culdade de Medicina, no laboratório da doença de Chagas, temos um exemplo disso: da rotina que torna todos que ali passam em cientistas uns jovens, outros com uma vida inteira de experiência. É um entre tantos outros espaços das mais diversas áreas da Ciência na UnB a “avançar no desconhecido”, diz o professor e pesquisador Antônio Teixeira.

“A ciência é uma viagem que requer uma vida inteira a perseguir uma ideia sem garantia alguma que será concretizada. Isso é o que difere o pesquisador de um garimpeiro. Este procura o que sabe que vai encontrar, o ouro que está ali. Corremos o risco de não acharmos o que procuramos”, expressa Teixeira, com 40 anos de dedicação à pesquisa.

O cientista lembra que Brasília foi um “sonho de juventude” na Bahia. “A concepção da nova capital mexia com o meu sentimento de brasilidade. Sempre quis fazer parte desta obra”, conta ele, que chegou à UnB em 1975.

Antônio Teixeira faz questão de estar rodeado pela juventude curiosa. Entrega a eles como numa aposta apaixonada que empurrarão o Brasil para a sociedade idealizada por aquela marcha de modernismo da construção da nova capital. “A ciência fria, bloco monolítico, impermeável ao homem simples não nos serve mais. A ciência tem que ser de emoções. É na juventude que está a vocação”, comenta, ao lado dos alunos Maria Carolina Guimarães, de 25 anos e Alessandro de Sousa de 24 anos.

“Na UnB a produção científico-tecnológica atende ao chamamento para solução de problemas nacionais de maior interesse da sociedade. A universidade pensa com ideias revolucionárias o Brasil que tem o seu futuro amanhã. Está aí a imensa tarefa de avançar a educação, a saúde e a segurança”, acrescenta o pesquisador, cujo trabalho é reconhecido internacionalmente. Um grande entre os grandes, um exemplo de tantas centenas de outros pesquisadores da UnB na comunidade científica.

Cursos-troncos

Inaugurada em 21 de abril de 1962, a UnB surgiu com um modelo diferente do tradicional criado na década de 1930. No Brasil, foi a primeira a ser dividida em institutos centrais e faculdades. E, nessa perspectiva, foram criados os cursos-tronco (direito, administração e economia, letras brasileiras, e arquitetura e urbanismo), nos quais os alunos tinham a formação básica e, depois de dois anos, seguiam para os institutos e faculdades.

JUVENTUDE EM MOVIMENTO

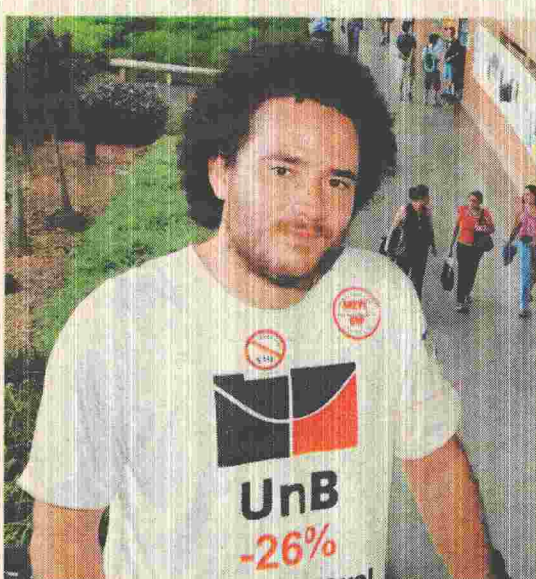
É da UnB que vem o grito de uma juventude que redespertou para as mobilizações políticas e sociais. Os universitários ganham as ruas em passeatas, reivindicações e provocações. Tudo começa, claro, com as internas. O movimento estudantil fez diferença na recente crise ética da instituição. Uma das mais graves de sua história, quando o Ministério Público denunciou uma série de irregularidades na relação da reitoria com as fundações de apoio. Tudo começou com os gastos para montar o luxuoso apartamento do reitor em que uma lata de lixo chegava a R\$ 1 mil.

Os alunos ocuparam a reitoria em protesto. Exi-

giram a saída do cargo do então reitor Timothy Mulholland. E conseguiram. Desgastado com as pressões, ele deixou a função. A crise levou o Ministério da Educação a nomear um interventor, um reitor temporário, Roberto Aguiar, para colocar a instituição em ordem e promover a transição para um novo reitor que seria eleito. Veio mais uma vitória dos estudantes. Conseguiram aprovar no Conselho Universitário (Consuni) a paridade na votação de escolha para reitoria. Antes o peso do voto dos professores representava 70% e o restante era dividido entre alunos e servidores. Agora o peso dos alunos é o mesmo do docentes.

E, com o apoio dos alunos, o professor da Faculdade de Direito, José Geraldo de Sousa, foi eleito no primeiro pleito com a paridade de votos. Souza é um homem ligado aos movimentos sociais, ao pensamento humanista, incentivador do fervilhamento de ideias e ideais. “A UnB são os alunos”, ressaltou José Geraldo, ao assumir o cargo há cerca de dois anos.

Mais recentemente, os estudantes da UnB parti-



Raul Pietricovsky, coordenador-geral do DCE: “Hoje, nosso movimento é mais respeitado dentro e fora”

ciparam do Movimento Fora, Arruda. Protagonizaram cenas de confronto com a polícia, ocuparam a Câmara Legislativa reivindicando ética entre os deputados distritais. Lançaram Tony Panetone como candidato à eleição indireta para governador. “Houve um tempo em que na universidade nos viam como os baderneiros que não queriam estudar. Hoje, nosso movimento é mais respeitado dentro e fora. Mas ainda há muito o que se avançar nas relações entre alunos e professores, estudantes e reitoria”, aponta Raul Pietricovsky Cardoso, coordenador-geral do Diretório Central dos Estudantes (DCE).

Mas hoje o movimento estudantil da UnB tem maturidade para abraçar causas dos professores e servidores. Apoiou a recente greve devido à ameaça de corte de benefício no pagamento pelo Ministério do Planejamento. “Isso afeta a eles e a gente sabe que afeta também a nós como alunos e toda a universidade”, destaca Raul, 24 anos, estudante de ciências políticas e nascido em Brasília. A mãe, Ida, também é brasiliense. Nasceu em 1961, quando a cidade havia sido recém-inaugurada. (SS)